

EXTRA-CLASSE

Teatro estudantil relembra crimes da ditadura

Em que pese a juventude e de muitas vezes não terem o apoio ideal por muitos segmentos da sociedade, os 21 alunos do Ensino Médio do Instituto João Neves da Fontoura, de Cachoeira do Sul, não se cansam de apresentar uma peça de teatro que retrata um período da história do Brasil que poucos conhecem: o da ditadura militar. Coordenados pela professora de Educação Física, Isabel Skolaude, eles levaram um ano pesquisando documentos sobre o regime militar (1964-1984), em especial aquele mais duro, em que houve prisões, torturas e mortes. Desse esforço resultou a oficina de teatro “Atos Institucionais de Dor-AIs”, que mistura fatos históricos, baseados em muita leitura, música e poesias, colocando ao público a face real de um regime autoritário vivenciado no Brasil de 31 de março de 1964 a 15 de março de 1985.

A peça foi apresentada no espaço da boate do DCE da UFSM, escolhido para melhor ambientação. O evento foi implementado a convite do sindicato docente, dentro do projeto *Cultura na SEDUFSM*. Aproximadamente 70 pessoas prestigiaram e elogiaram a apresentação, que ocorreu na noite de quinta, 30 de março.

Os AIs são embasados em leituras densas como as de relatórios do “Brasil

Nunca Mais”, livros de Elio Gaspari, mas também em poesias de Cecília Meirelles, Bertold Brecht, com direito a momentos musicais que bebem em compositores e intérpretes renomados como Chico Buarque. Durante a peça, referências ao papel da Igreja no apoio ao golpe militar de 1964, ao milagre econômico e à guerrilha do Araguaia. Dados históricos são levados ao público, como por exemplo, de que no final da década de 60 foram registrados 58 mortos e 1.515 denúncias de tortura. Perguntados sobre o impacto da peça na escola em que estudam, na comunidade de Cachoeira do Sul, a resposta é de que as vidas de cada um mudou a partir do que pesquisaram e interpretaram.

Fernanda Fernandes, uma das protagonistas, diz que é muito interessante conhecer um período da história do Brasil que ainda hoje pouco se discute. Segundo ela, até mesmo pessoas “adultas” aconselharam a eles que não ficassem pesquisando a respeito do regime militar, numa espécie de “censura” a uma época que muitos preferem fazer parecer que não existiu.

EMOÇÃO- Já a professora Isabel Skolaude se disse muito emocionada pelo tratamento recebido. Comentou ainda que tem orgulho de dar aula numa escola pública e que a peça foi construída



Representação da tortura retratou com realismo o sofrimento

Fotos: RENATO SEERIG

totalmente sem recursos financeiros, mas com o esforço pessoal de cada um. Mesmo não sendo da História ou das Artes Cênicas, ela justificou sua dedicação à montagem da oficina de teatro com os alunos de uma forma bem singela: “Eu tinha seis anos quando houve o golpe militar. Vi meu tio ser preso por ser comunista, mas nunca pude (naquela época) discutir isso com ninguém. Hoje eu quero que eles (alunos) tenham a possibilidade que eu não tive.” O grupo se reúne desde 2004 e a peça foi conhecida a partir de um convite para apresentação feito pela Comissão Estadual que trata sobre o Acervo da Ditadura.

Após a apresentação, o diretor da SEDUFSM, professor de História da UFSM, Diorge Konrad, coordenou o momento de questionamentos. A platéia empolgou os jovens atores com suas

perguntas, todas respondidas com muita paciência e bom humor. O sindicato, através do presidente da entidade, professor Carlos Pires, entregou à coordenadora do grupo um brinde - a publicação da SEDUFSM intitulada “Reflexões Docentes.”

COMPONENTES- O elenco é composto pelos estudantes: Elisa Locatelli Weich, Faena Gall Gófas, Felipe Fagundes da Silva, Fernanda Sena Fernandes, Janaina Soares Buiz, Leticia da Rosa Pereira, Renata Vargas Severo, Taciane Farias Machado. Nos vocais: Carla Adriana B. Correa, Carolina Souza, Caroline S. Pereira, Kayoma S. Yores e Morgana Garin Mello. Nos instrumentos: Alexandre Pedroso Lemos, Carlos Oclides P. de Quadros, Diego da Rosa Pereira e Marcelo Barcelos Gonçalves. A coordenação da professora Isabel Fontanari Skolaude.

Arte como forma de contestação

A questão central do debate “a arte ainda pode ser vista como forma de contestação?” gerou bastante polêmica durante o *Cultura na SEDUFSM* do dia 10 de abril. Para o professor do departamento de Artes Visuais da UFSM, Mario Lúcio Bonotto, o Máucio, no que se refere ao seu trabalho é fácil responder se a arte é para contestar ou não. Máucio ressaltou que iniciou a publicar desenhos de humor no início da década de 80, influenciado por leituras como a do Pasquim. Mesmo analisando a realidade atual com certo ceticismo, pois o que existiria seria um humor de pouca consequência contestatória, como é o caso do “Casseta e Planeta”, que se tornou um “besteirol”, “banalizando a crítica”, Máucio acredita ser impossível “fazer arte sem contestação.”

Na visão da professora Amanda Eloina Scherer, do departamento de Letras Clássicas, Filologia e Linguística da UFSM, a contestação tem a ver com “resistência”, e, que, nesse sentido, “todos procuramos resistir”. Entretanto, diz ela, para contestar é preciso sair da inércia. E sair desse processo contemplativo fica difícil num contexto histórico da sociedade atual, pois há uma tendência da “assimilação” daquilo que outrora já foi contestatório ou até mesmo considerado

“marginal”, como exemplificou através da arte do grafite, que em muitas situações atuais, foi incorporada ao trabalho tradicional, decorativo.

Uma defesa incisiva da arte como forma de contestação foi feita pelo professor do departamento de Música da UFSM, Oscar Daniel Morales Melo. Para ele, não se pode falar em “neutralidade” quando se faz referência à arte. Morales trouxe diversos exemplos de músicas em séculos anteriores que primavam pela contestação, mas acabou se fixando no período pós-1968, principalmente na época em que boa parte da América Latina vivia sob ditaduras militares. O professor destacou ainda que a música pode servir às mais diferentes formas de contestação, seja com idéias transformadas em figuras de linguagem, como por exemplo, Chico Buarque e suas canções metafóricas durante o regime militar, ou aquelas que em sua essência são panfletárias.

Na edição do dia 10 de abril, o *Cultura na SEDUFSM* atraiu um público de 30 pessoas ao auditório do sindicato e, que, após o debate, participou da sessão de autógrafos de Máucio e seu livro de poesias “Céu na Boca”. O fecho do evento foi um coquetel.



Debatedores analisaram aspectos críticos na música, literatura e artes visuais